

## EDUCAÇÃO ESCOLAR E QUESTÕES RACIAIS: DIFICULDADES E DILEMAS

Cíntia Nolácio de Almeida  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
[cinthianolacio@hotmail.com](mailto:cinthianolacio@hotmail.com)

Lúcia Gracia Ferreira  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
[luciagferreira@hotmail.com](mailto:luciagferreira@hotmail.com)

Heber Silva Maia  
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC  
[heber\\_comh@hotmail.com](mailto:heber_comh@hotmail.com)

**RESUMO:** O Brasil é um país fortemente marcado pela diversidade cultural e racial. Entretanto, prioriza-se os valores culturais de apenas um dos grupos que historicamente integraram a formação do país, os brancos, em detrimento de outros grupos sociais, principalmente os negros, alimentando, conseqüentemente, idéias racistas. Estas idéias preconceituosas e estereotipadas têm o aparato das instituições socializadoras para ratificar e difundir, dentre elas a escola, que respaldada em textos jurídicos que a define como sendo um direito social, vem se colocando como uma instituição que prima pela igualdade, pela inclusão e pelo exercício da cidadania, porém muitos dados (inclusive oficiais) têm demonstrado a ineficácia da educação escolar nesse aspecto, perpetuando discriminação, dentre outras, em relação às questões raciais. Quando se analisa os índices de acesso, permanência e reprovação na escola nota-se que eles variam de acordo com a raça e os piores índices se dão entre os negros, fato que revela que tal instituição possui uma estrutura rígida, voltada para um “tipo ideal” de aluno, de professor e de ensino a ser seguido (baseado na razão ocidental, branca e masculina) e exclui aqueles que não se enquadram neste perfil. Assim, faz-se necessário considerar que para a efetivação de uma educação escolar de qualidade, os métodos, metodologias, propostas pedagógicas, são importantes, mas não suficientes, outras categorias como a de raça precisa ser analisada respeitando a diversidade racial e a importância de enfatizar no espaço escolar referenciais positivos de todos os grupos sociais que fizeram e fazem parte da formação nacional do povo brasileiro, objetivando “quebrar” com a estrutura eurocêntrica que tem, muitas vezes, caracterizado as escolas e excluído os alunos negros, considerados fora “do padrão ideal”.

**Palavras-chave:** Escola – Diversidade Racial – Exclusão.

**Abstract:** The Brazil is a country strongly marked by the cultural and racial diversity. However, it is prioritized the cultural values of just one of the groups that historically integrated the formation of the country, the whites, to the detriment of other social groups, mainly the blacks, feeding, consequently, ideas racists. These ideas preconceituosas and stereotyped have the apparatus of the institutions socializadoras to ratify and to diffuse, among them the school, that backed in

juridical texts that it defines her how a social right being, it comes if putting as an institution that excels for the equality, for the inclusion and for the exercise of the citizenship, however many data (besides officials) they have been demonstrating the inefficacy of the school education in that aspect, perpetuating discrimination, among other, in relation to the racial subjects. When it is analyzed the access indexes, permanence and disapproval in the school is noticed that they vary in agreement with the race and the worst indexes feel among the blacks, fact that he/she reveals that such institution possesses a rigid structure, returned for a "ideal type" of student, of teacher and of I teach to be proceeded (based on the reason western, white and masculine) and it excludes those that are not framed in this profile. Like this, it is done necessary to consider that for the efetivação of a school education of quality, the methods, methodologies, proposed pedagogic, they are important, but no enough, other categories as the one of race needs to be analyzed respecting the racial diversity and the importance of emphasizing in the space school positive referenciais of all of the social groups that you/they did and they are part of the national formation of the Brazilian people, aiming at to "break" with the structure eurocêntrica that has, a lot of times, characterized the schools and excluded the black students, considered out "of the ideal pattern."

**Key-word:** School - Racial Diversity – Exclusion.

A escola é uma instituição que está indissociavelmente atrelada à cultura. Nela se transmite e perpetua as experiências humanas consideradas como cultura. Entretanto, essas experiências transmitidas por ela, são selecionadas, o que faz com que os conteúdos escolhidos, sobretudo em termos de conhecimento, valores e atitudes produzidos pela coletividade, sejam apenas parciais e singulares, fruto da visão de mundo de apenas um grupo social. Isso faz com que a cultura de vários grupos sociais fique marginalizada do processo de escolarização e substituída pela cultura hegemônica, como é o caso da exclusão da cultura e história dos negros.

Mesmo sendo um direito social garantido pela Constituição Federal, dever da família, da comunidade e do Estado e sendo definida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como sendo um espaço privilegiado para eliminação de toda e qualquer forma de preconceitos e discriminação porque permite a convivência de pessoas de diferentes origens étnicas, culturais, religiosas, no mesmo espaço físico, pesquisas realizadas nas últimas décadas<sup>1</sup>, inclusive a partir de estatísticas oficiais, têm revelado que tal instituição não tem conseguido tornar substantivos esses objetivos, reproduzindo ao longo dos anos as desigualdades sociais e excluindo sistematicamente os sujeitos considerados fora "do tipo ideal", principalmente, os negros.

A razão ocidental, branca e masculina, sob a qual se estruturou a sociedade brasileira, também rege o sistema escolar, que possui uma estrutura rígida, voltada para um tipo de ensino, de aluno e de professor a ser seguido, impondo através de mecanismos sutis e cotidianos, barreiras que limitam as possibilidades de sucesso escolar e de vida, dos alunos negros, fato que vai se intensificando à medida que se elevam os níveis de escolaridade, revelando-se de forma mais latente através dos

---

<sup>1</sup> Ver Davis (2000), Cavalleiro (2000), Munanga (2001).

ínfimos índices de acesso desses alunos no nível superior. Queiroz (2004) em pesquisas sobre a condição dos negros nas universidades federais ressalta que:

Todos esses mecanismos atuam para excluir a criança negra da possibilidade de usufruir dos benefícios que podem resultar de uma educação bem sucedida, fazendo com que ela abandone a escola, ou cumpra sua escolarização de forma acidentada e precária, o que impede de prosseguir por estágios mais avançados da escolarização ou a fará chegar às portas da universidade numa condição de enorme desvantagem, para competir com estudantes de outros segmentos raciais, com uma história escolar bastante diferenciada. (p.142).

Desde muito cedo, a criança negra vai sendo exposta a mecanismos de discriminação, racismo e preconceitos presentes no interior da escola que dentre os muitos prejuízos, podem abater sua auto-estima, perpetuar a violência simbólica, contribuir para que ela construa uma identidade racial negativa e buscar assimilar os valores culturais do grupo tido como superior. Estes mecanismos podem se manifestar nas coisas faladas, mas, sobretudo, nos silêncios, nos não-ditos, na invisibilidade e omissão de um tratamento positivo das questões ligadas aos negros nos currículos, na estruturação do espaço físico da escola, no tratamento dos professores aos alunos, na seleção e utilização dos livros didáticos e outros materiais pedagógicos.

Analisando o tratamento dado aos alunos negros e brancos na educação infantil, Cavalleiro (2001) concluiu que o racismo e seus subprodutos (estereótipos, preconceitos e discriminações) se manifestam e se perpetuam cotidianamente no espaço escolar através das falas, mas, sobretudo, através de tratamentos diferenciados dados aos alunos brancos que sempre são elogiados e recebem mais explicitamente manifestações de carinho e afeto em detrimento dos negros que são pouco estimulados e elogiados, bem como, recebem menos tratamentos de carinho, ou seja, nos não-ditos, nos silêncios, os alunos negros podem internalizar idéias errôneas de que são inferiores e os brancos, de que são superiores. Assim,

Na expressão verbal o racismo é disseminado quando ocorrem falas explícitas ou implícitas que depreciam a participação de alunos/as negros/as (op. cit, p.152).

[...] A expressão não-verbal no cotidiano da Educação Infantil e do ensino fundamental é muito rica e portadora de mensagens que tanto servem para estimular a participação das crianças quanto para diferenciar o lugar de ocupação delas (op. cit, p.153).

Na maioria das vezes, nos espaços físicos da escola não há referenciais positivos de pessoas negras, não há fotos, cartazes, imagens que revelem a presença de pessoas não-brancas nesse espaço. Isso fomenta o que Silva (2001) chama de “ideologia da branquitude” já que inquestionavelmente o modelo de beleza adotado no Brasil privilegia as características fenotípicas do branco europeu. Essa invisibilidade dos negros pode levá-los a não aceitar sua origem racial e buscar se aproximar de toda forma do modelo tido como belo. Segundo a autora,

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que o negro internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do branco, tende a se rejeitar, a não se estimar e a

procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos (op. cit, p. 8).

A seleção e a utilização de livros didáticos e outros materiais pedagógicos notadamente caracterizados por uma visão de mundo eurocêntrica e monocultural, nega ao aluno o conhecimento de uma história plural, aquela que revela a multiplicidade de raízes sócio-histórico-cultural que contribuíram para a formação nacional do Brasil. Os conteúdos expostos nesses materiais ratificam imagens do branco sempre sendo superior, descobridor, forte, em detrimento dos negros que são sempre atrelados a dor, sofrimento, escravidão, em condição de debilidade intelectual, de forma estereotipada ou caricaturada. A perpetuação dessas imagens pode cristalizar idéias preconceituosas e inferiorizantes dos negros e alimentar opiniões errôneas de funções subalternas “inatas” desse grupo social.

Oliva (2003) em pesquisas sobre como a história e a cultura da África são expressas nos livros didáticos concluiu que ela é caracterizada por silêncios, desconhecimentos, omissões e representações preconceituosas e deturpadas, resultado do casamento de ações e pensamentos racistas do passado e do presente, o que pode levar os alunos negros e brancos a internalizarem pensamentos dicotômicos da inferioridade do negro *versus* superioridade do branco e pautar suas atitudes mediante esses supostos. Segundo o autor,

Silêncio, desconhecimento e representações eurocêntricas. Poderíamos assim definir o entendimento e a utilização da História da África nas coleções didáticas de História no Brasil. [...] Tornou-se evidente também que, quando o silêncio é quebrado, a formação inadequada e a bibliografia limitada criam obstáculos significativos para uma leitura menos imprecisa e distorcida sobre a questão. (p.429)

Assim, pode-se afirmar que mesmo com a democratização do acesso de todas à escola, os negros possuem uma dificuldade bem maior para terem uma permanência bem-sucedida na mesma, ou seja, os negros são “excluídos do interior”, mesmo estando presentes na escola, eles estão incluídos apenas de forma marginal, não tendo códigos e símbolos culturais positivos que atuarão nos processos de formação de suas identidades, eles sofrem uma segregação interna na trajetória escolar que os reserva os setores escolares mais desvalorizados. (BOURDIEU, 1998). Ou seja, durante as trajetórias escolares os alunos negros vão sendo “eliminados”, como revelam os ínfimos índices de participação desse grupo social no nível superior, sobretudo nas universidades federais. Fato que Queiroz (2004) explica, dentre outros fatores, pela precária situação das escolas públicas brasileiras, onde está a maioria dos alunos negros; a necessidade de atrelar estudo e trabalho desses alunos, muito mais do que os brancos; as condições materiais muito mais difíceis para os negros, que os levam, muitas vezes, a abandonar os estudos para se inserirem mais cedo no mercado de trabalho, revelando que as barreiras vivenciadas por muitos negros, fazem com que a busca pelo acesso ao ensino superior seja empurrada para longo prazo. A autora ainda chama a atenção para o fato de que o reduzido percentual de negros que alcançam esse grau de escolaridade está nos cursos considerados de “baixo prestígio social”, principalmente as licenciaturas, cursos pouco concorridos e que os licenciam para exercer profissões com baixa remuneração. Isto é explicado, segundo Bourdieu

(1998) pela “interiorização do destino objetivamente determinado (e medido em termos de probabilidades estatísticas) para o conjunto da categoria social à qual pertencem os estudantes”(p.47).

Todas estas discussões desembocam na afirmação de que é necessário reconhecer que as estruturas educacionais brasileiras ainda são rígidas e excludentes, reprodutoras de desigualdades sociais e raciais, ao passo que é preciso se concretizar medidas legais e também nas práticas cotidianas, que possibilitem a inclusão dos grupos tolhidos historicamente de usufruir dos bens e direitos sociais, como os negros na educação escolar, não apenas na educação básica ou nos cursos universitários considerados de “baixo prestígio”, mas também daqueles de “alto prestígio”, para que haja a inserção e visibilidade dos negros, por exemplo, nas diversas instâncias sociais, para servir, inclusive, como referenciais positivos para outros sujeitos que fazem parte desse grupo social.

## Referências

CAVALLERO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**. São Paulo: Summus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. São Paulo: Contexto, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos em Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DAVIS, Darien J. **Afro-brasileiro hoje**. São Paulo: Summus, 2000.

MUNANGA, kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da educação, 2001.

SILVA, Ana Célia. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos afro-asiáticos**, 2003, vol.25, n. 3, p.421-461.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. O negro, seu acesso ao ensino superior e as ações afirmativas no Brasil. IN: BERNADINO, Joaze e GALDINO, Daniela (orgs.). **Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.